



DA SÉRIE VITROLAS
Simone Guimarães

quatro poemas

de **Simone Guimarães**

Nascida em São Paulo, na região de Ribeirão Preto, em 1966, é cantora, compositora e instrumentista, com mais de 20 anos de carreira e 10 CDs gravados com grandes nomes da MPB. Começou sua carreira com Paulinho Jobim, depois apadrinhada por Milton Nascimento gravando com ele o CD Pietá. Concorreu ao Grammy Latino 2007 pela Melhor Canção Brasileira (Língua Portuguesa) com "Carta à amiga poeta", composição sua e de Francis Hime, do CD Flor de Pão. Tem parcerias também com Guinga, Antonio Carlos Bigonha e outros, e já teve músicas suas gravadas por Nana Caymmi e Maria Bethania.

CONTATO simoneguimaraes.prod@gmail.com

coisa

Cada palavra é um mar de coisas
E eu não sou poeta de palavras
Eu sou poeta de coisas
Poeta do ente
Do onto
Coprófago de coisa

Coisa "n'ondim" (na ondinha)
Coisa nenhuma escondida
"Ventim" pequeno "mei" do mato
Sou comedor de vento
Dançador de olho

Às vezes, é claro, uso a palavra.
Mas, com muito cuidado.
Palavra pra mim é coisa santa.

Gosto de coisa "pequeninha".
Trem
Lua
Rir
Pio
Rio
Mar
Ser
Tio
Cais
Lar
Lá
E
Cá

Tudo, assim, “pequenininho”, eu gosto.
Tantas palavras trago nos bolsos
Às vezes as mãos acariciam coisas
Palavras nos bolsos das calças
E o rosto fica tomando
Serenos e ventos.
Ah pensamento!

Também sou procurador
Enfiar-me num buraco
Atrás da coisa nenhuma
É comigo mesmo!
Sou louca por coisas
E às vezes simplesmente
Não tem.

Muitas das vezes,
Só cabendo a cabeça,
num “buraquinho” assim
“pequenininho”, eu entro.
Coisa de eu mesma não entender.

De enfiar os olhos e não ver nada,
Coisa nenhuma mesmo.
Nem "Sombração" perdida
Nem alma
Só a palavra nos bolsos
O assovio do vento
E as coisas que era bom, nada!
Só o sereno no rosto
E o vento

Não saber de nada
É coisa minha mesmo
Às vezes eu chego à casa
Com uma "coisama"!
Só o pó pra coar
A água pra ferver
Mais nadica de nada.

O mundo não tem mistério,
A coisa "tá" lá na sua frente
É só dá um passo e
Os outros passos vêm todinhos.
Coisa que não dá em nada não adianta.
É onde a gente fica procurando coisa
Que já esta perdida pra frente.
Não tem muita coisa, e
Tudo que tem taí.

DA SÉRIE VITROLAS
Simone Guimarães



não palavra

[Não-Palavra]

Uma estranha letargia
Enrijece o nada
O espectro anímico
da não palavra.

A anti-matéria da lava
Esculpindo sentidos
Caça incessante no nada.
Escavar na lava seca.

Efígies ainda em processo
Como ali contivesse versos
Palavras fossilizadas no tempo.
Desafio ossificá-las.

Remover a poeira e carvão
No diamante da escrita,
Na criação da palavra brita
Da não palavra que grita.

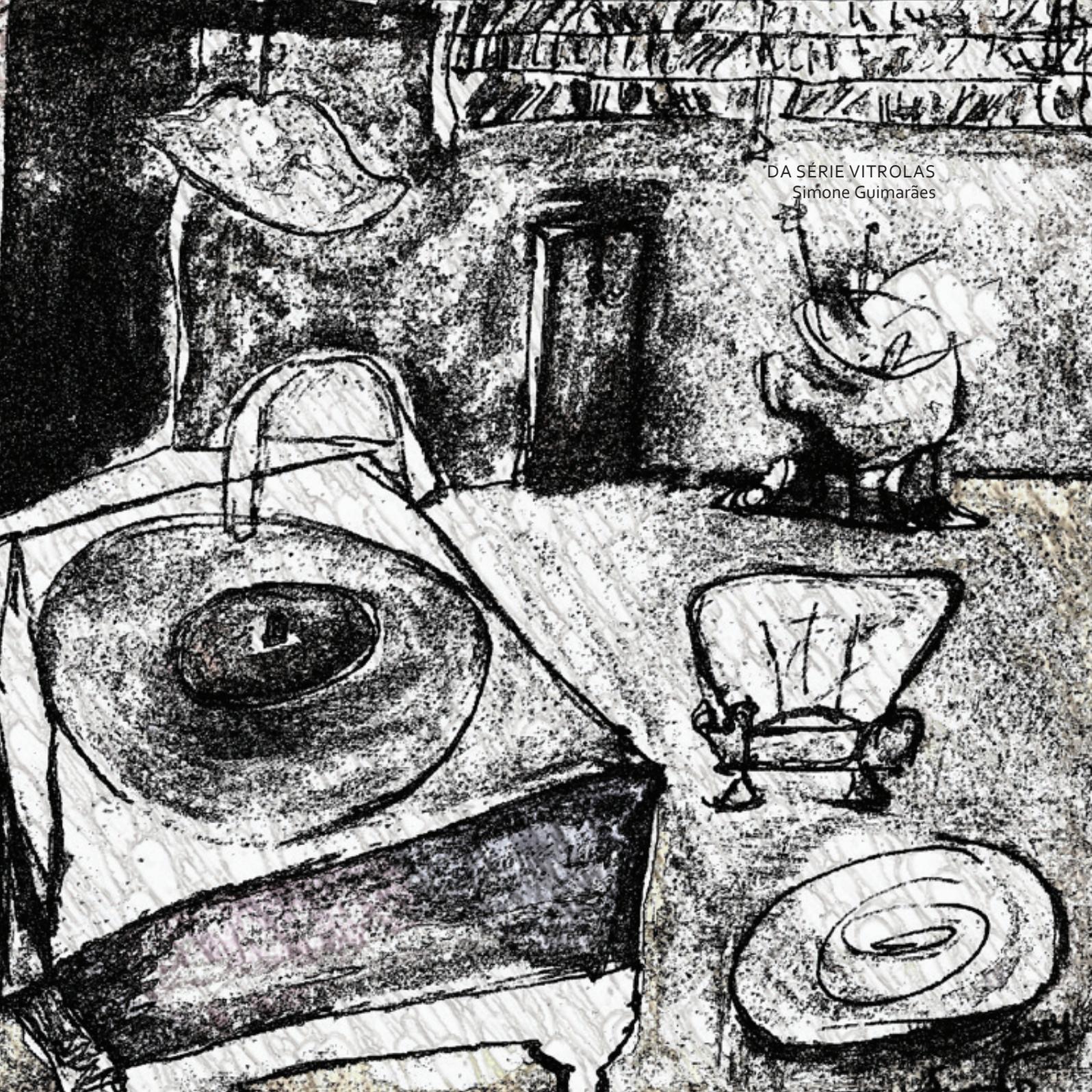
Inscrita já em minhas mãos
Derramo todo o sangue de letras
E a não palavra brota
No assoalho do chão.
[A palavra não]

[A palavra não]

De todas as belas palavras
Adoro a palavra não
Só não quero a não-palavra
escavando-se nos vãos.

A palavra "não", tem fim.
A palavra sim, "tem não"!
Só não quero a não-palavra
Escavando-se nos vãos.

Se você me quer é sim,
E se não me quer é não.
Só não quero a não-palavra
escavando-se nos vãos.



DA SÉRIE VITROLAS
Simone Guimarães

scannaprint

I

Agraciada arte que aceita com mãos renovadas,
imagens, acenos, estrondos e palavras de minha
percepção quase sempre indignada.
De quantos afazeres há no mundo,
o mais belo e o mais ilustre é estar perto de ti.

Devastadoras lutas, ao deitar-me contigo, travo.
Nessa perspectiva bruta,
falo de minha arte bélica, poética, retórica, ordenada.
Meu estranho foco sobre a ordem.
Regras. Meu aroma de significados.

Com meu lito oco de pouco eco na página,
Antes quero, mais que ler, encaixar palavras no vazio.
Canthus-cavos na'lma, que me elucidam a lito gênese
da morte e sua importância em meus atos.
Meus quadros, feito sonhos derramados pelas luas,
quero beijá-los, mais que entregá-los aos cotidianos mortos,
porque o tempo é o instante.

Lanço-me em tiras de aventuras,
com roupas inventadas em livros de banheiros,
leio palavras em balões.
Então eu sou o Batman, um Homem triste;
no desejo claro da noite, assistindo
a anti-aula de escuridão chechena,
na escola de Beslan,
no cinema em Denver.
Carandiru, Cinelândia.

Vou para a sala
ouvindo Leila e
olhando sem parar para
"O beijo" de Wesley Duke Lee.
Acomete sobre meus olhos
o metediço assimétrico da arte
que nunca deixa minhas mãos paradas,
onde meto-me escavo-me,
o calhariz se afunda e rompe.

II

Arte

Minhas identidades secretas, rupestres, quiméricas;
indiretas, auxiliares do espanto, na proporção necessária,
que atingem meu córtex cerebral e nesga meus frios suores.
De quem é este calor em minhas mãos, que não teu, minha
[mãe (Ars)?

Então vão os meus pensamentos em direção à rua.
Os novos povos nem se olham de uma longa.
Barcos na praia. Óleos boiando na superfície
Barcos na praia.
Movimento silencioso de ondas
a golpear-nos com seu mantra.
Numa longa procura;
o que não muda
és só tu minha mãe (Ars).

Minha mãe eterna,
eu me desconheço.
Preciso de ti para que minha face se desnude.

Há homens empedernidos que se locupletam
e acabam tendo melhor reputação que eu.
Penso em ter esta dureza de diamante que corta o vidro,
mas só o seu brilho me atinge em flagras.
Minha esperança não vem se não de tua mão amiga
Ars, poeisis.

III

Apenas muito raramente a fantasia invade minha consciência,
mas invade.

Por alguma causa: inconsequência, incongruência, náusea...
No mais, pisa sempre em mim a dor; elíptica, fálica,
como os gigantes monumentos pré-romanos.

Estou sempre com um pincel na mão querendo alcançar
o cume das igrejas.
Querendo medir o chão de rocas para saber o tamanho do céu.
Querendo preencher os sulcos algarvios e barrocos.
Eu sou uma espécie de "normal" do sexo comunista.
Estas posições extremas, emblemáticas, autênticas,
incômodas, bem substanciadas na oposição à que...(...)
Consideravelmente sempre contrárias ao pensamento raso se
[deve ao fato de...(...)]
Que tudo que se move em mim, especialmente nos dias de cansaço;
é porque tenho em ti, mãe, meu verdadeiro abrigo.

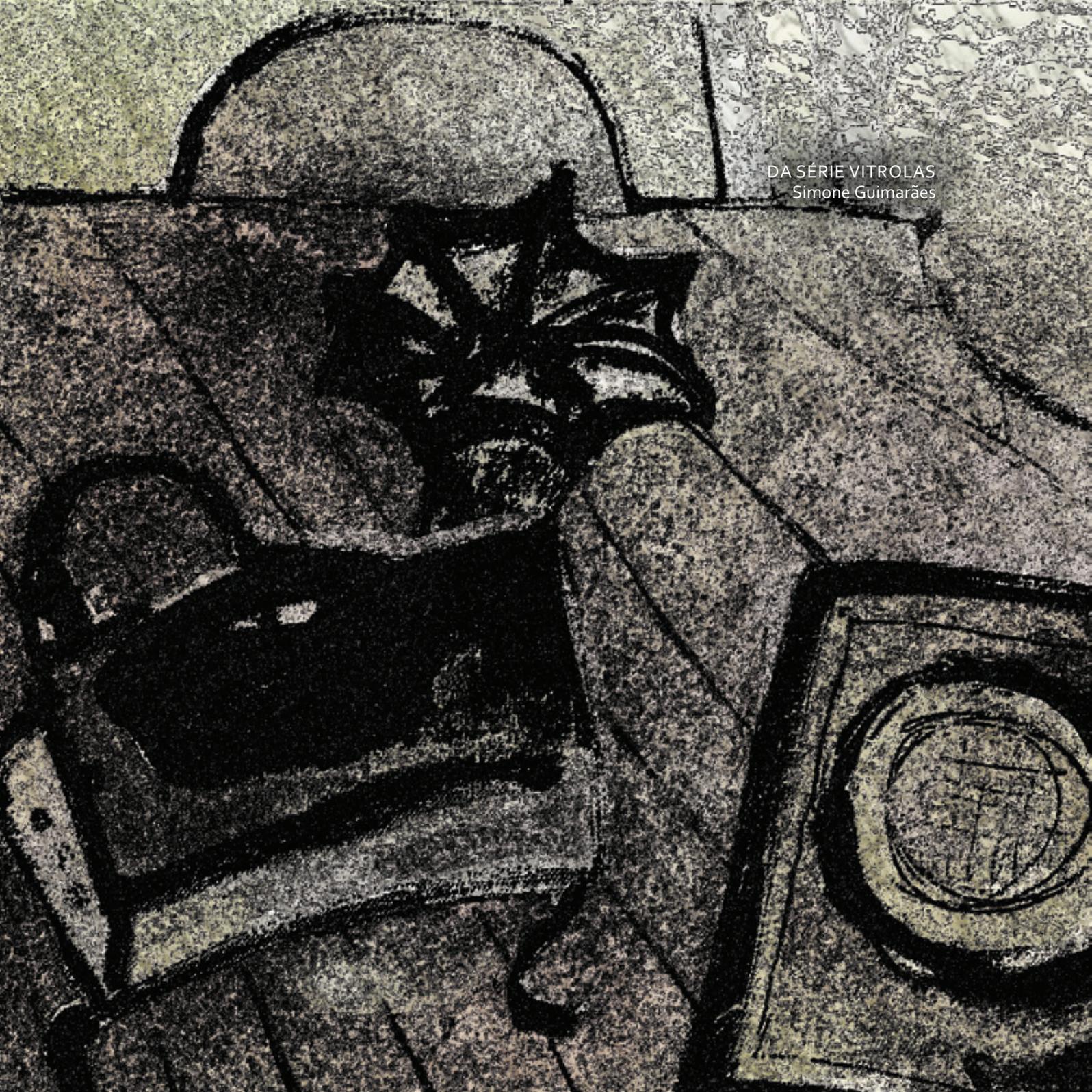
Aqui reúno então poemas num painel Scannaprint último tipo,
um fluxo constante, um devir.
O meu começo e o meu fim.
Eu apresento-lhe um lado laço-dialético
e uma quantidade pequena de idéias para que comecemos juntas a
trabalhar no meu novo espelho.
O meu semblante aurático.

Com provas, com demonstrações.
Vamos roer juntas a gravura dos nossos antepassados.

A partir de agora eu me separo pra sempre da natureza.
Eu quero um sentido novo para minha vida.
Uma técnica que represente tudo que eu tenho guardado.
Meus pensamentos, minha liberdade e tu, minha mãe (Ars),
estarão aos teus serviços.

Volto a mim pelo teu umbigo
e agora eu sou parte de ti,
porque liberto
o meu sentimento sublime de existir.
Amo-te, minha mãe.
Amo-te, sobretudo.

DA SÉRIE VITROLAS
Simone Guimarães



saliência

Acordo com as costas molhadas
A alma debaixo da chuva
Apanho frio nos vértices da noite
Acolho a palavra do rastro
Ortografia nas hortênsias
Recolho as palavras úmidas e amanheço

Com o músculo que salta das omoplatas.
A asa se move.
A Saliência.
Recolho as raspas de ar
E me encaixo num verso.



FAVELA, OI FAVELA!
Simone Guimarães